

Da violência do crime ao crime da violência

As formas violentas de exercício de poder e de exploração econômica marcaram a existência da sociedade brasileira que, até hoje, nega à sua maioria o direito à vida, coação primeira que se enraiza na estrutura social.

Nos últimos anos, apesar da existência de um clima relativo de abertura política, o recrudescimento da violência nos seus vários aspectos, indica que a democracia e a justiça social ainda são projetos que integram as lutas daqueles que são vítimas das relações sociais de exploração e de domínio.

Tema constante no noticiário de jornais, as situações de violência transcendem em larga medida o que é público e visível. Elas são produzidas no momento da luta pelas condições de sobrevivência e de realização da sociabilidade. Na maior parte das vezes tais situações não se desvelam e nesse encobrimento valoriza-se apenas um de seus momentos que é o da criminalidade explícita. Seus responsáveis tornam-se, mais uma vez, os excluídos, os que não podem ter acesso as condições elementares de vida digna.

*Travessia dedica um número especial sobre a **Violência e o Migrante**, buscando aprofundar o debate sobre essa questão. Grande parte das razões da criminalidade tem sido atribuída às migrações e, num mecanismo perverso, os migrantes tornam-se responsáveis pela criação de situações que, de fato, são exatamente o contrário do que aparentam: mais do que responsáveis os migrantes são vítimas da violência.*

Os artigos apresentados neste número indicam, em sua diversidade, a necessidade de se buscar novas explicações, desbravar outros caminhos para a compreensão de uma sociedade que vive um processo amplo de crise legal e, sobretudo, de legitimidade de suas instituições, em especial aquelas relacionadas à Justiça.

As situações aviltantes têm um outro lado — os seus bastidores — em grande parte desconhecidos. Por essas razões, alguns dos temas tratados procuram mostrar a vida cotidiana dos que estão nas ruas — os seus sofrendores, gente sem eira nem beira — e dos que são segregados nas prisões ou manicômios judiciários.

Além de analisar as questões mais gerais da violência brasileira e da criminalidade, novas facetas são incorporadas ao se examinar os linchamentos, expressão não imediatamente visível da crise social.

Apesar de ser uma constante, a violência não pode ser tratada com banalidade, o que tem sido feito sistematicamente por aqueles que detêm o poder e, gradativamente, tem atingido o senso comum. As mortes, os assassinatos e massacres coletivos são cotidianos e tendem a inscrever-se no conjunto das regras sociais que passam a admiti-los com simplicidade e indiferença. Já não se trata de vidas humanas mas de coisas; uma vez que a humanidade foi negada nas condições de vida, morte e violência tornam-se fatos corriqueiros.

Mas nesse retrato violento que pode ser feito de nossa sociedade, algumas questões já permitem um consenso preliminar. A associação linear e direta de dois termos — migração e violência — não se sustenta ao se investigar a realidade, exprimindo o preconceito, o compromisso com a opressão e com a dominação política e cultural. Resta, assim, o desafio para a formulação de explicações mais abrangentes, que decifrem os liames e as discontinuidades dos processos sociais responsáveis pela violência. Mas esse desafio é também político, pois o que se busca é uma alternativa capaz de superar a crise da sociedade brasileira, que gesta, ao recusar as regras vigentes, os elementos para a constituição de uma nova legitimidade.